

10 anos se passaram, mas a luta continua!

RICHARD PARKER

Desde que o **Projeto HSH** foi criado pela ABIA em 1993, o objetivo principal foi de alcançar populações e comunidades não-atingidas, ou até ignoradas, pelos programas de prevenção ao HIV/AIDS existentes. Nesta edição especial do **Extra G**, trazemos para o nosso público um pedacinho da história desse movimento social.

O **Projeto HSH – Homens que Fazem Sexo com Homens** – é uma fórmula que, ao passar dos anos, necessitou se adequar aos enfrentamentos dessa pandemia, que não só assola uma ou duas classes sociais, mas tantas outras no mundo inteiro. A ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – dentro do seu pioneirismo, abriu um leque de questionamentos no universo HSH, deixando que o projeto seguisse seu caminho mesmo com tantos obstáculos colocados pela própria epidemia. Foram dez anos de luta constante, de perdas terríveis, mas de vitórias também. Enfrentamos, com alegria, os problemas de gênero, sexualidade e saúde nos tempos da AIDS. Defendemos as possibilidades positivas da prevenção, valorizando, por um lado, a vida íntima, o desejo, o prazer e o amor (não importa com quem!), e pelo outro, o compromisso social e político de todo nosso trabalho, com os princípios éticos e políticos da solidariedade, da democracia e da justiça social.

Nessa edição especial do **Extra G** apresentaremos o percurso que o HSH da ABIA tem percorrido por toda essa década. Parabéns para todos que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para que o Projeto HSH sobrevivesse tantos anos – com a parceria e força de todos, temos certeza que continuaremos nesta luta por muito mais tempo. Dez anos se passaram, mas a luta continua!

10 anos do projeto HSH na ABIA

1993-2003

VAGNER DE ALMEIDA



Projeto HSH (Homens que Fazem Sexo com Homens),

iniciado em 1993 e desenvolvido pela ABIA em parceria com o Grupo Pela VIDDA/RJ e o Grupo Pela VIDDA/SP, foi o primeiro projeto de grande porte de prevenção para homossexuais no Brasil. Na sua primeira fase, de 1993 até 1997, foi desenvolvido pelas três organizações nas duas maiores cidades do país.

Sob a direção de Richard Parker e Veriano Terto Jr., o **Projeto HSH**, também conhecido como **Projeto Homossexualidades**, desenvolveu uma extensa agenda de atividades dirigidas aos homens que fazem sexo com homens em cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, incluindo um mapeamento social de ambas as cidades e as publicações dos "Guias para Gays".

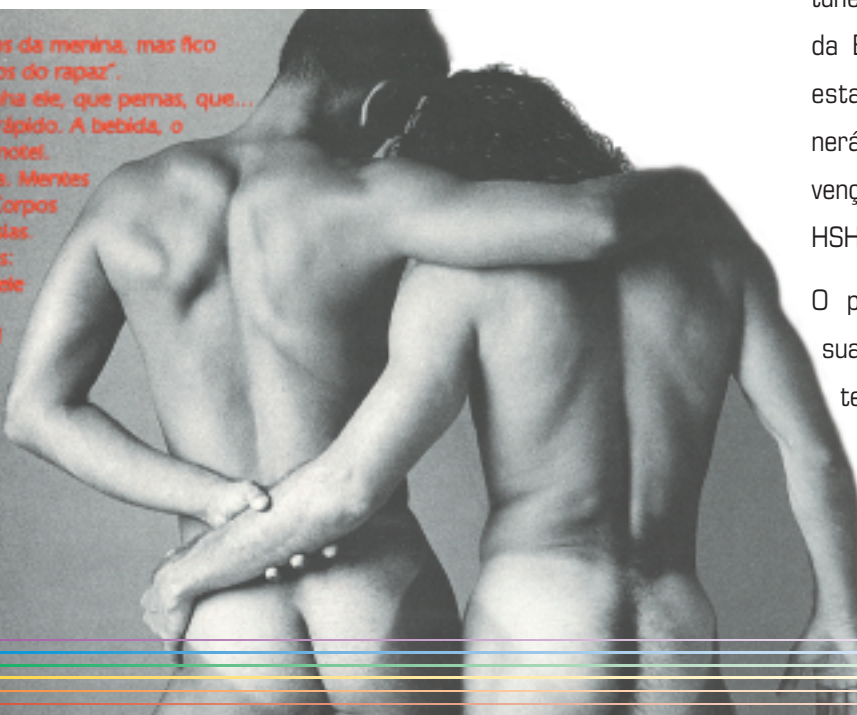
Apesar das mudanças, realçadas principalmente a partir de 1998, quando as atividades se restringiram ao Rio de Janeiro, o **Projeto HSH** permaneceu firme e atuante nesses 10 anos de existência. Dinâmico, mudou a sua geografia de atuação e atualizou-se conforme o caminhar e a evolução da epidemia.

Na década de 90, pouquíssimos eram os programas de prevenção ao HIV/AIDS dirigidos de maneira séria e sistemática aos problemas específicos que a AIDS apresentava na vida da população HSH. O projeto começou no Centro da cidade do Rio de Janeiro, na antiga sede da ABIA situada na Rua Sete de Setembro. Marcou presença na Zona Sul em praias, discos, bares, saunas e parques nos anos de 1994 e 1995, e atravessou o túnel em direção aos subúrbios e áreas da Baixada Fluminense – lugares onde estavam os homossexuais mais vulneráveis e pouco atendidos, com intervenções direcionadas para a população HSH.

O projeto ficou conhecido através de suas atividades coletivas como festas temáticas, ensaios de teatro, criação de textos, poesias, sessões de expressões corporais expressivistas, debates, filmes, cursos de



"Eu vejo os olhos da menina, mas fico atento aos braços do rapaz".
É que braços tinha ele, que pernas, que...
Foi tudo muito rápido. A bebida, o beijo, o tál, o motel.
À noite prometida. Menos transomadas. Corpos ardentes. Fantasias.
Então ele propôs: sexo a três. Eu, ele e... a camisinha.
Eu topet. E foi aí que eu descobri que no sexo um é pouco, dois é bom, mas três é melhor ainda!



Os primeiros materiais educativos, focalizavam e erotizavam o sexo seguro. A estes se acresceram outros focados no ativismo e militância.

indumentária, maquiagem e tantas outras incursões neste mundo tão distante da realidade de muitos. Principalmente para a população HSH menos favorecida.

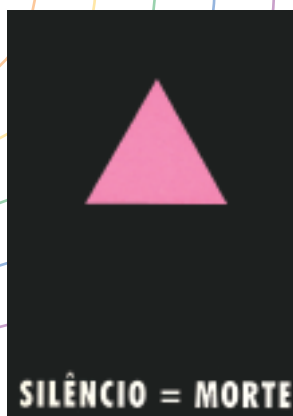
O **Projeto HSH** oferecia, entre 1993 e 1997, oficinas semanais que aconteciam às quartas-feiras, como a "Oficina de Teatro Expressionista, Sexualidade e AIDS para Homens que Fazem Sexo com Homens", coordenada por Vagner de Almeida. Vale ressaltar que essa oficina comprovou ser popular, sobretudo entre homens mais jovens (entre 16 e 25 anos) e de classes baixas. Às quintas-feiras, acontecia o "Espaço Cultural", coordenado por Edgar Hamann, atividade que atraía um público mais idoso e de classe média. Ambas as oficinas desenvolveram diferentes técnicas para atrair os homens com práticas homossexuais, registradas no "Manual do Facilitador".

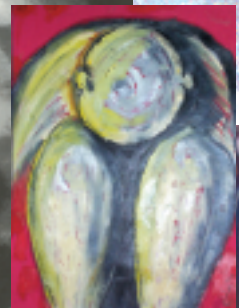
No primeiro ano do projeto, as reuniões semanais da Oficina de Teatro Expressionista atraíram platéias cada vez

maiores, em grande parte graças à divulgação boca a boca na comunidade *gay*. A frequência média no primeiro ano era de 25 a 30 homens, pulando para a média de 55 a 60 por noite. A demanda era tão grande que foi criado um sistema de senhas para que as pessoas pudessem ter o acesso às oficinas.

A escolha do Teatro Expressionista foi um meio de explorar as temáticas relacionadas à AIDS, proporcionando um fórum que ultrapassasse a simples informação e desse a oportunidade de explorar dimensões emocionais e psicológicas de conflitos e tensões apresentados pelos participantes. Os trabalhos corporais e a pantomima, a dramatização da negociação e da interação sexual permitiam a discussão coletiva de questões diversas, tais como: identidade sexual, desejo, prazer, impacto do HIV/AIDS e a experiência vivida a partir do estigma e da discriminação. Assim, as Oficinas de Teatro Expressionista abriam um leque de questionamentos para que cada participante pudesse expor suas necessidades. As oficinas permitiam que os participantes trouxessem de dentro para fora muitas interrogações, ali encontraram respostas para tantas dúvidas.

É interessante registrar frases que marcaram e foram usadas constantemente nas oficinas: "*Aqui é possível se falar verdades e mentiras*", "*Na vida necessitamos de classe e estilo*", "*Aprenda a conviver com as diferenças*", "*Você não é o primeiro e não será*





o último". Todas essas frases eram contextualizadas perante a atitude e o comportamento dos participantes.

Um dos principais produtos das oficinas de Teatro Expressionista foi a peça "Cabaret Prevenção" – ressalte-se, a última peça de teatro realizada no Teatro Alaska, um dos maiores redutos *gay* dos anos 70 e 80, posteriormente adquirido pela Igreja Universal. Cabaret Prevenção continua sendo uma das partes mais bem sucedidas do Projeto Homossexualidades, e ainda que a peça não esteja mais em cartaz, permanece viva na memória dos que participaram de sua criação. Documentada em livro e em vídeo de mesmo nome.

Além do Cabaret Prevenção, outros vídeos foram criados para contar e mostrar cenas dos personagens cotidianos do universo HSH. Na verdade, a primeira produção em vídeo do projeto foi "Homens", que conta a história de três homens e suas trajetórias como homossexuais.

Muitos participantes voluntariamente se dispuseram a serem fotografados para a criação dos materiais e posterior distribuição em boates, praias, saunas e festas.

Lembremos que em 1993 muitas pessoas já conviviam com o vírus sem ter o conhecimento de sua existência. O início da década de 90 foi uma época marcada por pessoas interrogativas e completamente apavoradas, era grande o medo de se fazer um teste anti-AIDS. Enquanto em outros continentes a epidemia tomava novos rumos, nas oficinas do projeto os participantes estavam sobre o impacto da morte e da negação. Por outro lado, também foi nesse momento em que muitos participantes tornaram-se ativistas e se engajaram na luta contra a AIDS.

Com o passar do tempo, algumas questões levaram o projeto a tomar novas formas – principalmente para poder responder melhor a juvenilização e o empobrecimento da epidemia. O projeto começou atingindo uma população mais adulta, incluindo idosos, mas sem esquecer jovens travestis, *gays* soropositivos, negativos, interrogativos e indecisos.

Um componente importante do projeto foi (e ainda é) a produção de materiais educativos. Como tudo mais, e a partir da compreensão crescente da epidemia de AIDS e dos sentidos que os homens atribuíam às suas vivências homoeróticas, eles também foram se diferenciando no correr destes dez anos. Os primeiros materiais educativos, focalizavam e erotizavam o sexo seguro. A estes se acresceram outros focados no ativismo e militância.

A partir de 2000 surgiu uma nova era no Projeto HSH direcionada principalmente para o público jovem, incluindo nos temas de debate a violência e os direitos humanos e sexuais

Vários cartazes como "Não Importa Com Quem", polêmico, mas extremamente revolucionário para a história da epidemia do HIV, trazia um homem nu com o pênis duro usando uma camisinha. "Amor a Três", outro panfleto que remexia com o imaginário erótico de muitos. Cartazes como "Silêncio = Morte" e "Ação = Vida" abriram espaço para repensar e discutir ativismo e militância com os participantes das oficinas HSH, os quais passaram a ver a epidemia de uma outra forma. Isso não queria dizer que o estigma e a discriminação tivessem desaparecido do universo de muitos participantes. Cada pessoa tinha seu ponto de vista e tinham também a liberdade total de expressá-lo da forma que desejasse.

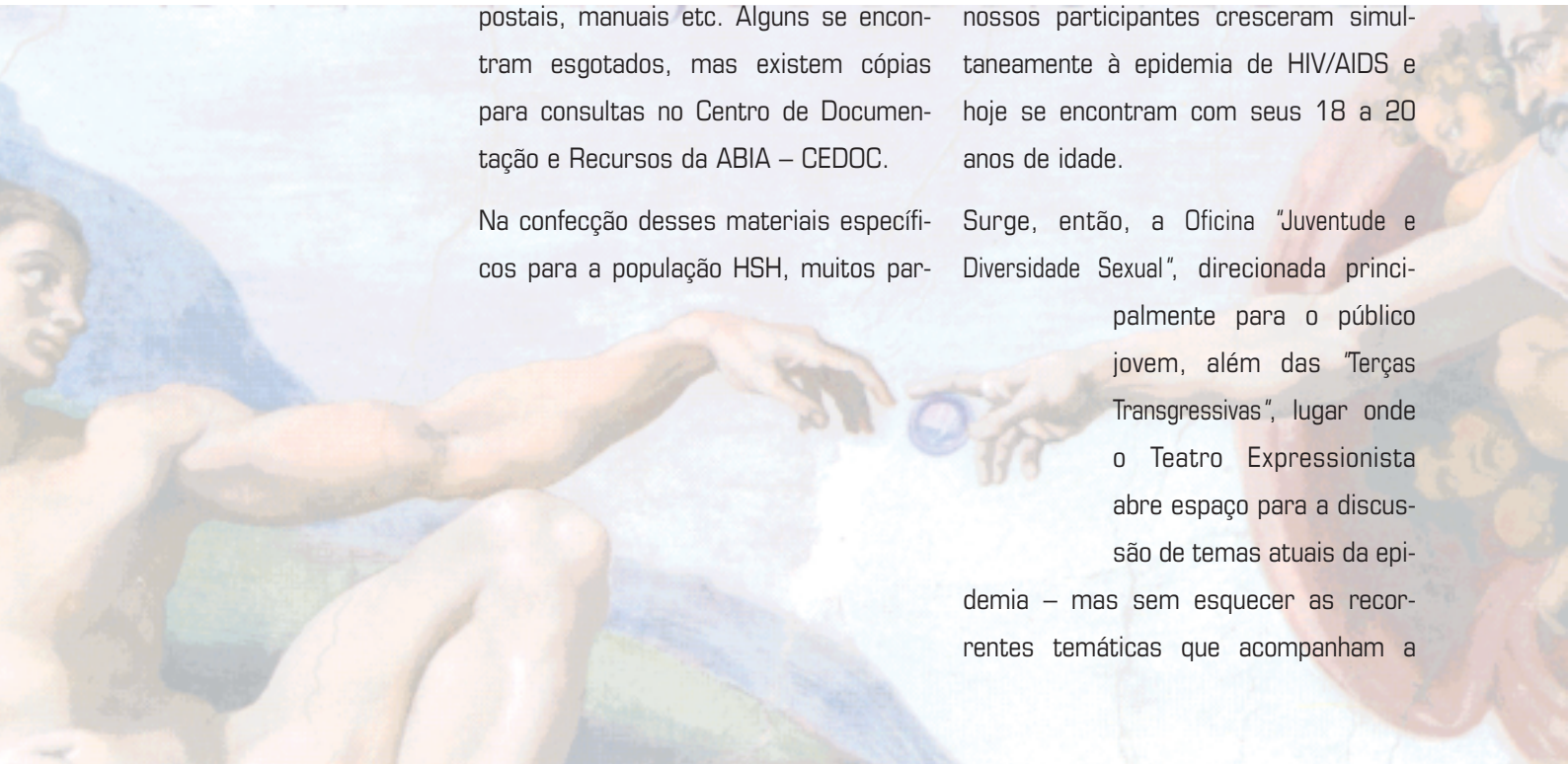
Outros materiais educacionais sobre a AIDS, voltados especificamente para a população HSH, foram criados, tais como: livretos, livros, boletins, cartões postais, manuais etc. Alguns se encontram esgotados, mas existem cópias para consultas no Centro de Documentação e Recursos da ABIA – CEDOC.

Na confecção desses materiais específicos para a população HSH, muitos par-

ticipantes das oficinas, voluntariamente, se dispuseram a serem fotografados. Grande parte da distribuição dos materiais no grande Rio de Janeiro em bares, boates, praias, saunas, festas, paradas do Orgulho Gay (neste caso tanto no Rio quanto em São Paulo) também foi e continua sendo feita pelos participantes das oficinas. Durante todos esses 10 anos de projeto os materiais da ABIA nunca deixaram de serem distribuídos nos principais locais de interação homoeróticas do Rio de Janeiro.

A partir do ano 2000, sob a coordenação de Vagner de Almeida e Felipe Rios, surgiram novos rumos dentro do projeto HSH. A epidemia começa a se mostrar com uma nova face. Ela juvenilizou, empobreceu; exigiu a criação de um projeto direcionado para os jovens com práticas homossexuais. Neste contexto, é interessante lembrar que muitos dos nossos participantes cresceram simultaneamente à epidemia de HIV/AIDS e hoje se encontram com seus 18 a 20 anos de idade.

Surge, então, a Oficina "Juventude e Diversidade Sexual", direcionada principalmente para o público jovem, além das "Terças Transgressivas", lugar onde o Teatro Expressionista abre espaço para a discussão de temas atuais da epidemia – mas sem esquecer as recorrentes temáticas que acompanham a



questão desde o seu início: auto-estima, cidadania, violência, direitos humanos e sexuais e HIV/AIDS.

O **Projeto HSH** sempre priorizou ativismo e produção cultural. Nesses três últimos anos as atividades das oficinas vêm se diversificando: pintura, escultura, cinema, teatro, computação, festas temáticas e bazares. As oficinas, atualmente acontecendo nas quintas-feiras (Quintas-Transgressivas), focalizam na linguagem dos jovens, mas não esquece das questões de direitos. Das discussões que nelas aconteceram, surgiram as mensagens e imagens da campanha "Direitos Sexuais são Direitos Humanos", que vem tratando da violência, de direitos e sexualidade do indivíduo e cidadão homossexual. Também é nas oficinas que surgem a pauta e os textos do "Extra G". Já em 2002, os integrantes da Oficina Juventude e Diversidade Sexual produziram o vídeo documentário "Ritos e Ditos de Jovens Gays" – que vem participando de vários festivais e amostras *gays* e lésbicos nacionais e internacionais. O vídeo, pode-se dizer, é um retrato contemporâneo de como o jovem vivencia a sua homossexualidade em tempos de AIDS. Ele fala com as palavras dos jovens sobre experiências que lhes são próprias e, acima de tudo, sobre a coragem que esses homens a caminho da adultez possuem de enfrentar com dignidade e honestidade uma sociedade tantas vezes injusta e opressiva.

A finalidade desse vídeo é a de trazer questões que possam contribuir para debates entre jovens *gays* ou não, educadores, pais, assistentes sociais e autoridades, pessoas que fazem parte da sociedade e que se preocupam com a situação do jovem na sociedade contemporânea. Em diálogo com o vídeo, foram desenvolvidos também os livretos "Juventude e Homossexualidade: O que os pais precisam saber" e "Ritos e Ditos de Jovens Gays", que acompanham essa nova fase do **Projeto HSH** da ABIA. Nos novos materiais gráficos do projeto buscamos responder às mudanças ocorridas na sociedade em geral e na epidemia de HIV/AIDS.

Ainda em 2002, foi entregue o primeiro "Prêmio HSH" da ABIA para entidades que trabalham com a comunidade HSH nos subúrbios e Baixada Fluminense – um evento que teve a participação coletiva dos jovens da Oficina Juventude e Diversidade Sexual. O prêmio foi elaborado pelas artistas Elias Souza e Tony dos Santos, com o apoio de Josias Freitas e Fábio de Sá, também participantes das oficinas. Ainda no contexto dos colaboradores, não podemos deixar





de lembrar que os 10 anos do Projeto HSH deixaram registrados nomes que hoje se encontram na mídia e na luta contra o HIV/AIDS. Participantes da oficina como Wolpy Jones, atualmente conhecida na mídia como Lacreia, e Hannah Suzart, que desde a sua primeira visita a ABIA nunca mais deixou de ser uma ativista em sua vida.

lembramos que a epidemia da AIDS caminha principalmente onde existem imensas diferenças sociais. Estes são fatos concretos que não podemos deixar de observar atentamente como frentes de batalhas constantes.

Muitas coisas têm permanecido e se fortalecido na luta contra o HIV/AIDS e na democratização da cidadania dos HSH, tais como o compromisso com o ativismo, com os direitos, com a justiça social e a constante luta contra o estigma e a discriminação. Ainda estamos aqui na luta e vamos continuar, pois nessa batalha não há trégua nem recuo.

Dos 42 milhões de pessoas infectadas no mundo com o HIV, seis milhões precisam com urgência do tratamento anti-retroviral devido a gravidade do estado de sua saúde. Por estes e tantos outros motivos é que a luta não pára.

O Projeto HSH da ABIA acredita que através dessas atividades desenvolvidas por toda uma década seja possível explorar as dimensões da experiência homossexual, afirmar o valor fundamentalmente positivo de práticas sexuais mais seguras e dar uma resposta coletiva e positiva à epidemia, tanto publicamente como politicamente.

A vida não pára! A luta também não!

Falar em vitórias é muito prematuro, pois a epidemia está aí e a juvenização e a pauperização da epidemia também, sem falar nas novas fronteiras a serem enfrentadas no cotidiano e no futuro. Nesses 10 anos, mudanças radicais ocorreram e continuam acontecendo. Políticos e políticas comportamentais da moral e dos bons costumes estão em pauta nos congressos e se misturam para definirem o certo e o errado na atitude e no comportamento das pessoas homossexuais. Templos e falsos profetas prometem a cura da homossexualidade, no mesmo momento, em que, é declarado mundialmente que a homossexualidade não é clinicamente patológica. A cada dia mais jovens se infectam. O empobrecimento acelerado das classes menos favorecidas fazem delas alvos certos para a epidemia se estabelecer –

extra G

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
Entidade de utilidade pública federal, estadual e municipal, de fins filantrópicos.

Diretoria
Diretor-presidente: Richard Parker
Diretora vice-presidente: Regina Maria Barbosa
Secretária-geral: Miriam Ventura
Tesoureiro: José Loureiro
Coordenação geral: Maria Cristina Pimenta e Veriano Terto Júnior

O Extra G é um veículo de informação do Projeto Juventude e Diversidade Sexual

Distribuição gratuita

Editores: Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida e Josias Freitas
Programação visual e diagramação: A 4 Mãos Comunicação e Design
Revisão do texto: Claudio Oliveira

Extra G • nº 5 • edição especial • outubro e novembro de 2003
Impressão: Reproarte
Tiragem: 2.000 exemplares

Os textos assinados retratam a opinião de seus autores.

Apoio: